

Jornada dos Colegiais

“A realidade junto com o coração é a nossa grande aliada”



Notas da assembleia de jovens colegiais com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de Comunhão e Libertação. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2016

Sêmea: Boa tarde! Bem-vindos a esse gesto que iniciamos juntos, num novo ano escolar. Cumprimento a todos aqui presentes e a todos que estão conectados em Belo Horizonte, Brasília, Londrina, Macapá, Manaus, Salvador, São Lourenço, São José do Rio Preto e São Paulo.

Começamos esse nosso encontro, com a provocação lançada pelo tema: “A realidade junto com o coração é a nossa grande aliada”. Junto com o coração, ou seja, junto com aquele desejo de felicidade, de verdade e de beleza, que não podemos arrancar de nós, a realidade é a nossa aliada. Para preparar esse encontro pedimos que vocês enviassem perguntas ou testemunhos onde fosse possível verificar o que significa que o coração e a realidade são um bem para nós. Recebemos algumas contribuições onde foi possível ver o empenho sério em verificar esse desafio, em ficar diante das perguntas que nasceram, de forma verdadeira. Escolhemos algumas dessas perguntas e dos testemunhos que vocês nos enviaram, e agora, a gente começa o nosso diálogo com o Bracco. Pedimos a ele que nos ajudasse a aprofundar esse nexo que existe entre o coração e a realidade, seja pela experiência pessoal dele, seja pela experiência dele como responsável pelo movimento do Brasil, que o fazem encontrar tantas pessoas e tantas realidades diferentes. Começamos agora, com as perguntas:

Luisa (Petrópolis): Por que é tão difícil a gente levar a sério as nossas exigências do coração? Porque, pelo menos eu, tenho muita dificuldade de seguir as minhas exigências, no dia-a-dia, na realidade, quando estou na escola ou em algumas situações eu não consigo levar essas minhas exigências a sério.

Sêmea: Tem outra pergunta relacionada a essa que foi enviada pelo nosso amigo Amilton, de Salvador, que diz o seguinte: “O nosso coração está sempre conosco e a realidade também, mas, às vezes, não consigo olhá-la, me faço de tolo para não encará-la, e meu coração fica triste; nesse momento, a minha autoestima fica desgostosa. Então, como faço para sair dessa postura?”.

Outra pergunta, de Carol, também de Salvador: “Acho que entender a realidade que nos rodeia nos ajuda a discernir a bússola que há dentro do nosso coração, e nos ajuda a viver bem. Então, como faço para discernir a bússola que carrego dentro do meu coração?”.

Bracco: Boa tarde! Muitos não me conhecem. Bracco é meu apelido, eu me chamo Marco, sou italiano, por isso o sotaque um pouco esquisito, mas já moro aqui há 15 anos. Trabalho em uma empresa de satélites, na área comercial, e sou o responsável pelo Movimento

Comunhão e Libertação no Brasil. Não sei se todos conhecem o Movimento, mas é um grupo de amigos que se ajudam um pouco a viver. Aconteceu um encontro que nos colocou juntos, depois eu vou falar mais sobre isso.

Vocês conhecem esse desenho, Ícaro? Essa é uma pintura de um artista que se chama Matisse, já morreu, mas é bastante próximo de nós, um dos maiores da modernidade. Ele representa esse Ícaro, que é uma figura mitológica grega, figuras que não existiram, mas foram contadas. O Artur conhece o mito e vai nos explicar.

Artur: Pelo o que eu lembro ele e o pai dele estavam presos em algum lugar e não conseguiam sair. O que eles fizeram? Juntaram durante muito tempo algumas penas, costuraram e viraram asas, e eles começaram a voar. Só que ele olhou o sol e ficou com muita curiosidade de saber o que era, e quando ele chegou muito perto, as asas queimaram e ele não conseguia mais voar.

Bracco: Perfeito! Obrigado! Então, essa é a história, na mitologia de um homem que queria fugir, do labirinto onde estava, só que o pai havia falado para ele não se aproximar muito do sol, porque as asas estavam coladas com cera. Só que ele ficou querendo experimentar mais daquilo que ele estava vendo, ele esqueceu e as asas caíram e ele morreu. Mas por que contamos isso aqui? Porque nesse Ícaro de Matisse, vocês identificam uma coisa interessante, não? Que é aquele pontinho vermelho, que dentro do preto, se evidencia. Esse pontinho vermelho é o coração de Ícaro. Quem nos contou essa história se chama Dom Luigi Giussani, que é a origem do nosso Movimento, ele começou a contar e a falar exatamente disso. Porque tem uma história que é um pouco diferente, tem aquele Ícaro, da mitologia, e tem esse Ícaro que esse artista fez, que, mesmo com a dureza que é a vida, mesmo que às vezes a gente tenha muitas perguntas sem respostas, tem algo dentro de nós que é como aquele pontinho, que é pequeno, mas é o ponto central dessa figura, que é o coração do Ícaro. Então, o que é esse coração? Se vocês pensam, como muitas vezes começa um dia, como acaba um dia, começa a escola, acaba as férias, a gente tem todo um movimento dentro de nós, e o coração, que é aquele pontinho ali, é o lugar onde se concentra tudo, onde se concentram as coisas mais preciosas que vocês têm, que eu tenho, os desejos mais potentes que eu tenho se concentram todos em um lugar que se chama coração. É como um desejo de infinito. Sabem, aquele desejo que vem dentro, de vez em quando, que te faz como que experimentar algo que você nunca experimentou? Já experimentaram isso? Um desejo de um infinito? Quem nunca experimentou? A coisa mais bonita que pode acontecer é quando a gente começa a sentir dentro de nós algo que parece que não tem fim, um desejo sem fim. Tem algumas experiências que se aproximam, como quando nos apaixonamos, quando há uma garota que começa a tornar diferente todas as coisas, as coisas de sempre se tornam muito mais interessantes. É como algo que começa a se despertar, um reflexo desse desejo, de um infinito, que começa. Então, o lugar disso é um pontinho, que parece nada, aquilo que é tão poderoso em nós, que na idade de vocês, quando se começa a experimentar isso, você começa a se dar conta de como você é grande. É como se você tivesse sempre que fazer uma batalha: por que tenho que experimentar isso que é tão grande e depois ir para a escola? E ter que fazer as tarefas de casa? E tenho que obedecer a mãe e ao pai... é como se tudo tendesse a reduzir isso. É como se aquele ímpeto que me vem, a realidade sempre abafasse um pouquinho. Então a vida começa a se tornar um pouco dramática. Por isso, eu não concordo, gosto da música do Jota Quest mas não concordo: “hei, medo, eu não te escuto mais! Hei, dor, eu não te escuto mais!” Não é que eu não goste, mas isso é impossível! Quando vem o medo de alguma coisa, é impossível você esquecer, é preciso uma outra coisa que te tire esse medo! Ou quando sente uma dor, eu posso cantar essa música mil vezes, mas não é falando de esquecer essa dor que a dor vai embora. Não! Ela fica lá dentro. Por quê? Porque tem a ver com esse pontinho. O medo, a dor, a fadiga, têm a ver com aquele pontinho, porque é como esse desejo que não tem fim. Então, o que é preciso é de alguém que não me faça esquecer isso, mas que me faça ir até o fundo, que me faça olhar sem ter medo, me faça olhar o medo sem ter medo, me faça olhar a

dor sem ser desesperado, me faça olhar as coisas, e não esquecer. Porque eu não consigo esquecer. Consigo esquecer um pouquinho, mas depois volta. Então, eu preciso encontrar alguém que me ajude a olhar todo esse movimento que tenho dentro, no meu coração, pois um amigo verdadeiro é aquele que te ajuda a viver isso, a não esquecer a dor, a não esquecer o medo, a olhar tudo e a levar a sério. Porque tudo parte disso, tem esse desejo desse infinito, que se eu não tivesse, eu não sentiria medo, não sentiria dor, não sentiria angústia, não sentiria tédio... É bom sentir tédio das coisas, porque se não houvesse o tédio você não perceberia o quanto você deseja, o quanto você precisa, o quanto você ama.

Então, a sua pergunta, por que é difícil levar a sério? Porque tudo ao nosso redor é um pouco como essa música, te fala de esquecer esse pontinho. Fala de apagar tudo e deixar tudo preto, porque ter esse pontinho é incômodo. Incômodo porque tem que pensar, tem que se perguntar o que queremos, o que nos dá esse medo, porque me dá esse tédio, o que me dá essa alegria, o porquê essa alegria tem que acabar, porque as coisas que eu amo parecem que não duram... tudo (do Facebook ao WhatsApp, à televisão...), quando você acorda de manhã até chegar a hora de dormir, tende a esquecer, tenta apagar de você esse pontinho, porque isso incomoda. Porque, às vezes, se não se tem uma resposta, é melhor apagar. Então, o que me ajudou, na minha vida, a não esquecer, mas sim começar a levar a sério, começar a olhar, foram algumas pessoas, alguns rostos, alguém que me mostrou que era possível, que a vida assim era mais bonita, era mais vida, se vive mais. Incomoda sim, mas sou mais vivo, porque vivo mais. E quando você vê uma pessoa que vive assim, tem o rosto que é diferente, tem um olhar que vai mais longe, tem uma capacidade de paciência que eu não tenho; então, eu comecei a ficar próximo dessas pessoas. Vocês também têm que identificar quem são. E eu comecei a perguntar também: mas por que você é assim? Qual é o segredo? Depois, vamos em frente, vamos tentar descobrir qual é o segredo!

Sofia (Petrópolis): Eu gostaria de saber se a solidão é um bem ou um mal? Porque nessa primeira semana de aula, por mais que eu estivesse rodeada de pessoas e com um monte de novidades, eu estava sempre me sentindo sozinha.

Bracco: Tem uma pergunta, de uma nossa amiga, que se chama Ana Luisa, que acho que está ouvindo também. Ela fala: “Antes do carnaval, eu estava muito triste, achando até que a morte seria a resposta para tudo, e o padre Emílio fez uma proposta [lá em Salvador], para passar um carnaval juntos. Eu aceitei o convite. Mas, indo para a convivência, pensei: se vou a essa convivência, não quero ficar presa aos meus pensamentos. Então, eu me propus de participar, dizendo a mim mesma que se não me lanço a essa possibilidade agora, não vou experimentar algo diferente. E isso, essa abertura, me deu paz, porque eu experimentei que é possível. É possível experimentar algo diferente”.

Então, eu queria agradecer muito por essas perguntas, da Sofia e da Ana Luisa. Primeiro, porque precisamos ser muito sinceros. Já uma sinceridade é uma coisa boa. Uma sinceridade não com os outros, em primeiro lugar, mas comigo mesmo. Porque, às vezes, tem algumas coisas que nem para nós mesmos falamos mais, algumas vezes por medo, outras porque achamos que estamos malucos, e então, começa a deixar de lado. Mas, ao invés disso, o bonito de uma companhia como essa também é isso. Porque agora tem alguém que nos colocou aqui juntos, para fazer um pedacinho de caminho da vida juntos, somos amigos, mas seria uma coisa absurda que a gente passe esse tempo juntos. Mas tem alguém que pensou nisso aqui para a gente. É um pedaço de caminho juntos, porque estamos falando de coisas que, geralmente, não se fala assim, ainda mais com alguém desconhecido. Então, é essa sinceridade, é bom ter lugares onde se pode começar a falar de coisas que é difícil falar, porque são coisas tão minhas, ou que algumas vezes temos vergonha também. E, às vezes, nos sentimos sozinhos a um ponto que parece que a morte seja a solução, ou talvez é algo que aconteceu, algum problema, algo em casa, parece que não dá para aguentar. Mas tem uma solidão que não é estar só. Tem um momento de solidão que eu desejo para todos vocês: é um

momento no qual você não está com o seu grupo de amigos, ou com a sua melhor amiga, ou com a sua mãe, pai, mas que você está só e começa a se fazer algumas perguntas; essas perguntas que falamos. Esse momento de solidão é onde podemos experimentar uma companhia. É como quando há um silêncio estranho, em algumas situações nas quais se faz um silêncio e você começa a se dar conta de algumas coisas que você nunca viu. Às vezes precisamos desses momentos de silêncio. Você, contigo e com essa sinceridade. E quando começa essa solidão, é o momento que você pode começar a se perguntar: quem me deu esse coração tão potente? Quem me deu todo esse desejo que não para? Tem situações nas quais se consegue chegar a um ponto onde se experimenta a maior companhia.

Eu me lembro de um dia, na Sexta-feira Santa, quando na Itália se faz sempre uma caminhada, a Via Sacra, que se para e reza até chegar a uma capela ou Igreja onde se reza, e se faz todo o caminho de Cristo, do dia da sua morte. Eu já tinha 17 anos (acho), já tinha ouvido isso muitas vezes, já tinha visto crucifixos muitas vezes, mas eu nunca tinha experimentado, como naquele dia, que “esse cara” era um homem, e que podia ter existido um homem que passou tudo aquilo por mim, por um grande amor por mim. Foi a primeira vez que me dei conta, me lembro como se fosse agora, e não é que eu não conhecia ou não sabia a história, mas aquele dia é como se tivesse havido um encontro. Eu estava sozinho, no meio de uma multidão e eu estava me sentindo sozinho, mas foi como perceber que não era uma história, e eu comecei a pensar em Jesus como uma pessoa, como um amigo meu, como alguém que podia ter dado a vida por mim! Não para a humanidade, para o mundo, não! Mas por mim! E comecei a sentir vontade de chorar, como quando você pensa a um amigo que te ama tanto. Então, essa experiência aconteceu em um momento de solidão. Essa foi uma das experiências aonde eu mais experimentei uma solidão; mas não uma solidão que te dá medo, foi como experimentar uma companhia, algo que eu nunca experimentei: que talvez Deus exista, ou que Cristo existe. Já pensaram? Que existe um ponto onde você possa chorar, se comover. E esses momentos são impossíveis de acontecer senão dentro de uma solidão.

Lívia (Petrópolis): Eu comecei a fazer a Escola de Comunidade por curiosidade, para mim, era algo normal. Com o tempo, percebi que aquilo era muito importante para mim e que eu não poderia ficar sem. Porque eu sou feita para a felicidade, e isso é o que eu mais desejo. Na escola, com os amigos, na família, tudo parece o contrário (gravidez, drogas, brigas...), e no meio disso tudo, às vezes, eu me sinto triste. Por que a tristeza e a impotência se eu encontrei algo tão grande na minha vida?

Sêmea: Tem a pergunta também da Amanda, de Brasília: “Tive o privilégio de conhecer melhor Jesus através do encontro com a minha professora Ana Maria. Nesses encontros eu permiti que a realidade me despertasse e, de fato, me despertei. Eu era amargurada, qualquer coisa para mim estava bom, vivia de aparência, até que comecei a participar da Escola de Comunidade e vi que tudo isso eu poderia enfrentar sem medo dos resultados. Os meus aliados, ou seja, a realidade, que parecia ser ruim, e o meu coração, me ajudaram a ver a vida de uma forma diferente, de uma forma mais humana”.

Bracco: Vocês já ouviram o Papa falar algumas vezes? Eu gosto muito do Papa Francisco, porque me ajuda nessas coisas que vocês falaram. São grandes amigos o padre Julian Carrón, que é o nosso responsável geral do Movimento Comunhão e Libertação, e o Papa, mas essas pessoas eu quase nunca vejo, quer dizer, eu recebo os escritos, também o Papa fala muitas vezes, a cada domingo, e para mim é sempre uma grande espera para ouvi-lo. Porque quando alguém te ajuda a viver, é como se te levasse para um outro lugar. Não sei se vocês têm um professor, o melhor que vocês tenham, quando começa a aula, não sei se vocês já experimentaram isso, mas é como se te levassem para um lugar que você nunca viu, é como descobrir um panorama novo, é uma descoberta, fazer uma viagem e depois voltar. Então, precisamos cuidar bem dessas pessoas na nossa vida. Como foi Dom Giussani para mim, foi uma pessoa que eu comecei conhecer e a descobrir um monte de coisas. E o Papa falou uma

coisa, na última viagem que ele fez, que eu queria ler para vocês, e tem a ver com essas coisas que vocês perguntaram. A certo ponto, ele falou assim (eram jovens mexicanos, mas é como se estivessem falando para vocês): “[Vocês são a riqueza dessa terra!](#)”. Essa é a primeira coisa. Pensem na vida de vocês, e imaginem que agora encontramos o Papa e ele fala isso para vocês: “Vocês são a riqueza do Brasil! Se o Brasil tem uma riqueza agora, não é o petróleo (até porque agora está em crise), não é o ouro, não é o ferro, não é o minério, não é a agricultura... o Brasil é uma potência, estamos em crise, mas é uma potência, e a riqueza do Brasil não é tudo isso, a riqueza do Brasil são vocês”. O Papa fala ainda: “Atenção! Eu não falei a esperança dessa terra são vocês, eu falei a riqueza! Uma montanha pode conter minérios, pedras preciosas, que podem servir para o progresso da humanidade, é a sua riqueza. Mas aquela riqueza é preciso transformá-la em esperança com o trabalho, como fazem os mineiros, quando extraem as pedras preciosas”. Então, imaginem que essa é a primeira coisa que ele fala, que vocês são como pedras preciosas, mas não basta só isso, essa é uma riqueza, mas, para que a riqueza se torne esperança, é preciso um trabalho. E o que é a esperança? A esperança é a coisa mais bonita que existe. A esperança é a razão pela qual nós estamos felizes na sexta-feira, como estamos felizes no dia em que acaba a escola, ou somos tristes quando retomamos a escola depois das férias. Isso porque a esperança tem a ver com o futuro. E nós, homens, e vocês jovens mais ainda, é como se vivêssemos já todo o futuro; o futuro tem um peso incrível na nossa vida. Se eu te falo que na semana que vem vai chegar aqui a pessoa que você mais ama, você já fica contente agora; ou se eu te falo que na semana que vem tenho que ir embora, que acabou a festa e temos que ir embora, já agora você está triste, porque nós vivemos com o todo o peso do futuro. Quando alguém te fala que a pessoa que você ama vai te amar para sempre (é difícil falar isso), mas quando se fala isso tem todo o futuro dentro. Quando você começa um relacionamento importante, um namoro, não é que vocês se falam de começar por dois anos e depois ver, você começa e já parece que é para sempre (depois a vida às vezes muda), mas isso porque tem todo esse futuro que nós carregamos dentro; ele não existe, mas já está dentro. Então, nós precisamos encontrar alguém que nos dê uma certeza do futuro. Quando você encontra uma pessoa interessante, uma pessoa forte, quando uma pessoa começa a te dar confiança é quando você vê que começa a desejar estar junto com ela. Quando essa pessoa começa a te dar como que uma certeza do futuro, é tão certa daquilo que está vivendo que é como se estivesse certa também do futuro. E eu preciso de alguém que me dá também essa esperança. A esperança é fundamental porque nós vivemos do futuro. E Jesus Cristo o que veio fazer? Por que se tornou interessante essa pessoa? A um certo ponto na história, por que Cristo se tornou interessante? Não porque se falou, mas se esse nome se tornou importante, temos que nos perguntar o porquê. Para mim, para a sua mãe, para a sua avó... Pense no nome da sua mãe, não é só um nome, atrás desse nome tem um monte de coisa, coisas que ela te deu, que fez, que você viveu com ela, que você descobriu, atrás de um nome, tem toda uma história. Atrás do nome de Jesus Cristo o quê que tem? Vocês têm que pensar isso, para que não se torne e fique um puro nome. E, para mim, eu comecei a descobrir quem estava atrás desse nome, por uma coisa que descobri que era a mais poderosa, a mais bonita: que Ele me salvava as coisas para sempre! Para sempre! Tinha a ver com o meu futuro, porque quando você tem alguma coisa, pode ser um celular ou pode ser a pessoa que você ama, você precisa de alguém que te dá confiança de que não vai perder. Que o meu trabalho, eu não vou perder, que eu não vou acabar um dia, que eu, você, que não vamos acabar no nada, que não vamos virar pó. Quem me dá essa certeza? A gente não pensa nisso. Então, o que Cristo fez na minha vida foi começar a tornar experimentável, através de encontros, que o meu futuro tem consistência, que não vai acabar aquilo que eu amo: a minha vida, a vida de quem eu amo, os meus projetos, não vão acabar. E quando você encontra alguém que te dá essa certeza do futuro, você começa a ficar próximo, você começa a amá-lo, começa a não querer largá-lo mais. E é importante essa coisa, quando vocês forem retomar esse texto do Papa, pensem: vocês são uma riqueza, mas é preciso um trabalho, é

preciso pensar, é preciso fazer aquilo que eu estou fazendo aqui com vocês, para que uma riqueza se torne esperança. E isso tem a ver com o futuro, que não fica aqui.

E, depois, ele fala: “A esperança nasce quando se pode experimentar que nada está perdido”. Nada está perdido! Eu não estou perdido, eu tenho um valor, eu tenho muito valor. “Eu peço para vocês um momento de silêncio agora. Cada um responda no seu coração: é verdade que não está tudo perdido? Eu tenho um valor? Qual é o teu valor? A principal ameaça à esperança são discursos que tiram o teu valor, como se sugassem o teu valor, e você acaba por terra, com o coração triste. Mas tem uma outra ameaça a essa esperança. Primeiro, alguém que quer tirar o teu valor, que não te faz nunca pensar o teu valor (primeira ameaça à esperança). A segunda, é alguém que quer fazer você acreditar que você começa a valer alguma coisa quando veste roupas de marca, do último grito da moda, ou quando ganha prestígio, se torna importante por ter dinheiro, mas, no fundo do seu coração, não acredita ser digno de carinho, digno de amor. A principal ameaça é quando alguém sente que o dinheiro não serve para comprar tudo, incluso o afeto dos outros. Vocês são a esperança [do Brasil], vocês são a esperança da Igreja.” Depois ele fala uma outra coisa, e eu vou concluir aqui: “Vocês me pediram uma palavra sobre a esperança, e aquela que eu tenho para dar para vocês se chama Jesus Cristo”, e ele fala assim: “Quando tudo lhes parecer pesado, quando parecer que o mundo cai em cima de vocês, abracem a sua cruz, abracem Ele e, por favor, nunca larguem a sua mão (...). Os alpinistas [aqueles que escalam as montanhas] têm uma música muito bonita, que eu gosto demais, que fala: ‘na arte de subir, o sucesso não está em não cair mas em não ficar caído!’, ou seja, a arte de subir uma montanha (dos alpinistas), essa arte não está em não cair mas em não ficar no chão, de levantar sempre, essa é a arte. E quem é o único que pode te agarrar pela mão, para que você não fique caído? Jesus Cristo! Só Ele, que às vezes te manda um irmão, um amigo, um professor, para que te ajude. Ele chega através dessas pessoas para te dar a mão, para você não ficar caído; qualquer coisa que tenha acontecido, não esconda a tua mão, quando você estiver caído, não fale para Ele não te olhar porque está cheia de lama. Não! Segurem essa mão! Somente se deixa agarrar pela Sua mão, e a riqueza que tem dentro, suja, com lama, perdida, vai recomeçar, irá recomeçar através da esperança, a dar o seu fruto, mas sempre com a mão agarrada Nele”. “E se vocês virem a um amigo que escorregou na vida, que caiu, mas não consegue levantar, ofereça a tua mão; se coloque ao lado, escute, não fale para esse amigo que você tem a receita...”. Isso é bonito também que ele fala: “Não! Com calma, ofereça a tua escuta, escute, se tem um amigo que está fazendo essa fadiga deixa ele falar, deixa que ele te conte, que, pouco a pouco, se você fizer assim, ele vai levantar a mão dele também. E você o ajudará, como Jesus Cristo, que foi Aquele quem te ajudou!”. O Papa fala ainda: “Mas, se começar a fazer-lhe um sermão e a censurá-lo, assim, coitado dele, ficará pior do que estava.”.

Essa aqui é uma coisa muito simples, concreta, mas que é muito bonita. Primeiro, nessa vida de vocês, porque agora tem a escola, depois tem a universidade, sempre tem uma caminhada, como na montanha, vamos ter que cair, o problema não é cair, quando todos te olharem e medirem as tuas quedas (porque parece que é assim, que seremos medidos por quantas vezes caímos), tem alguém que fala que não importa quantas vezes você cai, mas que o problema é não ficar caído. Tem uma mão que está lá te esperando, então não perca tempo, pegue, segure e vá embora. E quando tem um amigo, pare, escute ele, não faça os teus discursos para ele, mas tente escutar e dar a tua mão também para que ele possa retomar.

Eu sugiro que, de vez em quando, vocês procurem essas coisas e leiam, são coisas que o Papa fala e que são muito bonitas e úteis para viver.

Sêmea: Diante disso que você falou, tem uma pergunta que veio também de Brasília, só que não está identificado, que é assim: “Por que então eu tenho medo de deixar Deus entrar na minha vida? Por que é difícil deixar que Ele entre e determine todos os momentos da minha vida?”.

Bracco: Alguém quer responder?

Sêmea: Alguém quer responder se para vocês é fácil deixar Deus entrar na vida de vocês?

Bracco: Porque quando acontece alguma coisa grande na vida, pede que você mude tudo. Você estava com toda a sua rotina, toda a sua vida tranquila, e chega um dia, de repente, um encontro excepcional. Imaginem, você encontra alguém que começa a falar de uma forma que você fica fascinado, você volta para casa e quer encontrar de novo essa pessoa, fala de coisas que você não pode não voltar a escutar, a reler, e, no dia seguinte, você acorda e está de novo pensando nisso. Quando acontece uma coisa grande na vida, te pede uma mudança, é como se criasse uma grande bagunça, e, então, tem que decidir (quando acontece uma coisa assim), se ficar na sua rotina, na vida que você já sabe, ou se você aceita a bagunça que vai gerar esse encontro. Porque Deus quando entra na vida, não vem para trazer o tédio, para trazer deveres chatos, vem para trazer bagunça, a melhor bagunça que possa acontecer na vida. Quando você está feliz, não quer ir dormir... é uma bagunça essa! Então, o problema é se a gente quer isso, ou quer ficar tranquilo. Para mim foi assim, quando eu fiz esse encontro Ele colocou tudo em discussão, como alguém que chega e joga tudo, e eu tive que decidir. E não conseguia mais viver sem voltar a experimentar essa grande movimentação que Ele gerou em mim.

Weligton (Petrópolis): Eu agora entrei no 3º ano do Ensino Médio, na escola, e parece que tudo aumentou, a pressão, as responsabilidades, e, ao mesmo tempo, veio a insegurança de encarar isso de frente. E o que eu faço com essa insegurança?

Bracco: Espera, mas até agora não foi assim? Ou seja, até agora você não experimentou também uma insegurança?

Weligton: Sim!

Bracco: O que acontecia? O que você fez?

Weligton: Tentava fugir disso, sair dessa realidade. Eu não tinha uma resposta e não sabia o que fazer, então eu tentava fugir dessa realidade...

Bracco: Mas, pensa nesses anos com os seus amigos, quando aconteceu um momento de insegurança? Depois passou esse momento, mas o que aconteceu?

Weligton: Primeiro, quando entrei na sala de aula, parece que era uma realidade que eu olhava e não me via dentro, e a insegurança veio; de como chegar, entrar dentro disso e como ficar.

Bracco: E depois conseguiu?

Weligton: Sim! Parece que a realidade muda... Porque parece que as pessoas começam e te olhar de um outro jeito e você começa a agir de outro jeito. Você passa uma imagem daquilo e depois vê que não é aquilo. Então vem essa insegurança.

Bracco: E o que te ajuda? Quando tinha alguma coisa que você não sabia ainda, o que te ajudou a viver isso? Porque você não fugiu da escola, então o que te ajudou?

Weligton: Não sei!

Bracco: Porque precisamos pensar que já aconteceram esses momentos, primeiro, e você já conseguiu vive-los, então, significa que sempre teremos alguns momentos que a gente não sabe o que vai acontecer, e te dá como uma vertigem, como um arrepio. Então, primeiro, ver na sua história quando você já passou por isso, é uma ajuda, significa que tem sempre algo bom que ainda está por vir. Uma coisa, também do Papa, que me marcou muito, que ele comentava sobre o milagre das Bodas de Caná, que ele falava assim: “O vinho melhor é sempre aquele que ainda está por vir”. Vocês sabem do milagre das Bodas de Caná? Quando todos já estavam bêbados, no final da festa, chegou o vinho melhor. Então, ele falou que tem Nossa Senhora, que a um certo ponto, quando vê que a situação está um pouco crítica, ela puxa Jesus e Ele faz um milagre, um dos primeiros milagres na história Dele; então, o Papa fala: “Lembrem-se sempre disso: que o vinho melhor é aquele que ainda está por vir”! Você já fez uma experiência boa, já está bem agora, lembre sempre que aquilo que está por vir vai ser melhor. Se você continua, se você não perde a esperança, aquilo que eu falei antes, se tem

uma companhia, se tem alguém com quem eu estou caminhando, o futuro vai sempre carregar algo melhor. Isso não significa que Ele vai te tirar as dores, a fadiga, tirar os problemas da vida, não! Isso acontece, mas você faz uma experiência de humanidade melhor, de vida melhor, de crescer, de ser mais você, de ser mais homem, de amar mais, isso é o que significa que o vinho melhor é aquele que ainda está por vir, sempre. Então, não tenhamos medo desse futuro! Vai ter arrepio, vai ter vertigem, mas você já fez a experiência de que cada passo você pode enfrentá-lo. E que não está sozinho. Então, é aquilo que falamos antes também, tem também uma companhia que te ajuda, que ajuda a levar em conta os fatores, a ver o passo melhor para fazer. E depois, tem essa mão. Uma mão que você tem certeza e aumenta essa certeza, que está contigo. Quando a gente faz experiência que um dia chegou alguém e falou: “Welignton, eu quero estar contigo! Você vem comigo?” Como João e André, quando você tem um momento duro, difícil, e lembrar-se disso te dá uma segurança, porque tenho alguém que não vai me largar mais. Então eu posso enfrentar qualquer coisa, isso será para mim, para a minha vida. Não significa que eu não terei medo, não terei vertigem, porque a vida é assim, mas eu não serei desesperado porque eu posso enfrentar, eu posso entrar naquela circunstância, porque tem algo bom que ainda está por vir.

Texto de aprofundamento:

[Notas do Dia de Início de Ano dos Colegiais com Julián Carrón.](#)
[Milão, Basílica de São Marcos, 4 de outubro de 2015](#)